

Previsões Agrícolas

31 de outubro 2014

Chuvas condicionam colheitas e afetam produções agrícolas

As previsões agrícolas, em 31 de outubro, apontam para a diminuição da produtividade nos olivais (-15%, face a 2013), resultante dos graves ataques de gafa e mosca da oliveira, que também prejudicaram a qualidade dos azeites obtidos. Também os soutos de castanheiros foram severamente afetados por problemas sanitários, nomeadamente pela septoriose, fungo geralmente pouco ativo mas que as temperaturas amenas e as precipitações fortes deste verão fizeram proliferar de forma descontrolada, originando decréscimos acentuados de produção que deverão rondar os 35%, face à campanha anterior. Deverão registar-se ainda reduções de produção no kiwi (-15%, com problemas fitossanitários e fisiológicos), na produção vitivinícola (-10%, com as chuvas a afetarem decisivamente a qualidade dos mostos) e na maçã (-5% face a 2013, que tinha sido o melhor ano de produção da última década). Quanto à pera, a campanha decorreu sem incidentes, prevendo-se um aumento de produção de 5%, com frutos de bom calibre mas baixo Brix (indicador do teor de açúcar).

Nas culturas temporárias de primavera/verão assinalam-se as dificuldades que a precipitação persistente tem colocado aos produtores para a realização das colheitas, bem como o efeito negativo na qualidade dos produtos colhidos. No tomate para a indústria, na última semana de setembro e na primeira de outubro (período onde praticamente não ocorreu precipitação) foram retomados/intensificados os trabalhos de colheita, estimando-se que tenham ficado por apanhar cerca de 10% da área plantada. Prevê-se um aumento da produção de 20%, face a 2013, exclusivamente em resultado do aumento da área. No milho, a produção deverá ser semelhante à campanha anterior, com as preocupações a convergirem para os aspetos económicos, nomeadamente para a descida do preço desta *commodity* nos mercados internacionais e para o aumento dos custos de produção decorrentes da secagem do grão.

O mês de outubro caracterizou-se, em termos meteorológicos, por valores de temperatura média muito superiores à normal, tendo sido o outubro mais quente desde 1931. Na segunda quinzena registou-se mesmo a ocorrência de uma onda de calor, considerada como a mais significativa para o mês de outubro dos últimos 70 anos, quer pela sua duração (6 a 9 dias), quer pela sua extensão espacial (todo o território exceto o interior norte). Quanto à quantidade de precipitação, concentrada sobretudo entre os dias 6 e 17, foi superior ao valor normal, classificando-se o mês como chuvoso.

Estas condições climatéricas afetaram significativamente a atividade agrícola. Após os primeiros dias do mês, em que ainda foi possível realizar algumas colheitas (nomeadamente do milho, arroz, hortícolas, uvas e azeitona) em condições minimamente aceitáveis, a chuva que se seguiu condicionou estas operações e, aliada às altas temperaturas para a época, potenciou o desenvolvimento de doenças criptogâmicas e o ataque de pragas.

CLIMATOLOGIA EM OUTUBRO 2014

Observação	Temperatura média do ar (°C)				Precipitação média (mm)			
	Média mensal	1ª década	2ª década	3ª década	Mensal acumulada	1ª década	2ª década	3ª década
A norte do Tejo								
Valor verificado	17,7	17,9	16,2	19,0	150,6	56,6	93,3	0,7
Desvio da normal	2,5	1,3	1,3	4,9	48,3	32,8	47,5	-32,0
A sul do Tejo								
Valor verificado	20,4	21,2	19,0	21,0	88,7	36,6	52,1	0,0
Desvio da normal	2,8	2,2	1,7	4,6	23,0	22,4	21,3	-20,7

Fonte: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P.

Ao longo do mês de outubro verificou-se um aumento da percentagem de água no solo em todo o território do Continente, atingindo os valores normais no final do mês.

Prados e pastagens beneficiam das condições meteorológicas

A disponibilidade de água e as temperaturas acima da média para a época beneficiaram os prados, pastagens e culturas forrageiras, com condições bastante favoráveis à germinação e crescimento de vegetação semeada e espontânea. Apesar do pastoreio nesta época representar apenas uma parcela da alimentação dos efetivos (sustentada maioritariamente com recurso a palhas, fenos, silagens e rações industriais), perspetiva-se uma mudança para uma maior utilização da massa verde das pastagens.

Perspetivas pouco animadoras para a atual campanha oleícola

Nos olivais, a floração decorreu sem problemas, o que originou uma carga de frutos bastante razoável. No entanto, o verão ameno e os elevados valores de humidade relativa de setembro e início de outubro, associados a temperaturas relativamente altas, propiciaram o desenvolvimento da mosca da azeitona e da doença da gafa. O facto de ter chovido continuamente durante este período dificultou a realização de tratamentos fitossanitários, havendo muita azeitona sem condições sanitárias para ser colhida, principalmente na variedade Galega. Estima-se um decréscimo da produtividade de 15%, face a 2013. De referir ainda que se está a produzir muito azeite com grau de acidez superior a 1%, situação atípica numa fase tão precoce da campanha e com evidentes prejuízos na qualidade e valorização do produto.

Continente

Culturas	Produtividade						Índices	
	kg/ha						2014 *	2014 *
	2009	2010	2011	2012	2013	2014 *	(Média 2009/13=100)	(2013=100)
OLIVAL								
Azeitona de mesa	1 086	1 348	1 185	1 371	1 995	2 000	143	100
Azeitona para azeite	1 232	1 296	1 511	1 234	1 849	1 570	110	85

*Dados previsionais

Acentuada volatilidade da cotação do milho compromete competitividade económica da atividade

A colheita de milho ainda decorre, com as condições climatéricas a dificultarem a operação, obrigando amiúde ao recurso à tração de lagartas nas ceifeiras debulhadoras. O amadurecimento e a redução do teor de humidade do grão foram condicionados pelas temperaturas amenas do verão e, sobretudo, pela precipitação dos últimos meses, o que tem obrigado à intensa utilização de secadores. Este facto, aliado à descida do preço desta *commodity* nos mercados internacionais (-17% face ao mês homólogo em Bordéus), contribuiu para uma diminuição da rentabilidade da cultura do milho. Apesar destes condicionalismos, a produção deverá ser semelhante à alcançada em 2013.

Continente

Culturas	Produção						Índices	
	1 000 t						2014 *	2014 *
	2009	2010	2011	2012	2013	2014 *	(Média 2009/13=100)	(2013=100)
CEREAIS								
Milho de sequeiro	25	24	25	18	20	21	93	105
Milho de regadio	608	602	785	830	909	909	122	100
Arroz	162	170	185	187	180	162	92	90
CULTURAS INDUSTRIAIS								
Girassol	11	8	13	10	12	16	148	135
Tomate para a indústria	1 346	1 406	1 151	1 299	1 090	1 307	104	120
FRUTOS								
Maçã	261	211	245	219	285	271	111	95
Pera	200	176	230	116	202	212	115	105
Kiwi	27	24	23	20	21	18	78	85
Amêndoa	9	7	8	7	4	8	116	185
Castanha	24	22	18	19	24	16	74	65
Vinho (1 000 hl)	5 657	6 924	5 421	6 129	6 040 **	5 436	90	90

*Dados previsionais

** Dados provisórios

Condições meteorológicas prejudicam o desenvolvimento do arroz

No arroz, ainda estará por colher cerca de 1/3 da área. As baixas temperaturas na floração (que originaram muito aborto floral) e as fortes chuvadas de setembro (que provocaram alguma acama e facilitaram a propagação da piriculariose ou queimadura do arroz) contribuíram para um decréscimo da produtividade, devendo a produção rondar as 162 mil toneladas (-10% que em 2013).

Derradeiros esforços de colheita mitigam os prejuízos no tomate para a indústria

A colheita do tomate para a indústria decorreu normalmente até à primeira semana de setembro, com produtividades elevadas, se bem que com uma maturação do fruto pouco regular (devido à falta de calor no verão). Este cenário alterou-se com a intensa precipitação ocorrida entre 6 e 23 de setembro, que impediu o acesso das máquinas de colheita e das galeras de transporte de tomate aos campos e conduziu à deterioração dos frutos. No final de setembro e início de outubro, e num derradeiro esforço para concluir a colheita, os produtores recorreram a tração suplementar, à abertura de valas de escoamento para drenar os terrenos encharcados e, em casos extremos, à colheita manual, estimando-se que tenham ficado por colher cerca de 1 500 hectares de tomate. Globalmente, a produtividade sofreu uma ligeira redução face a 2013, sendo que o aumento na produção (+20%) resultou exclusivamente do aumento da área.

Quanto ao girassol, a chuva dificultou a colheita mas não prejudicou a produtividade, devendo a produção atingir as 16 mil toneladas (+35% face a 2013).

Boas produções de maçã e pera

Estão concluídas as colheitas das pomóideas, confirmando-se as previsões de boas campanhas de produção. Na maçã, as condições de desenvolvimento da cultura foram distintas nas duas principais regiões produtoras. Em Trás-os-Montes, a floração decorreu normalmente mas o vingamento foi afetado pela chuva e pelo frio, conduzindo a um menor número de frutos por árvore mas de maior calibre. Registaram-se ainda prejuízos pontuais provocados por trovoadas e quedas de granizo. Em contrapartida, no Oeste a campanha decorreu sem incidentes, com os frutos a apresentarem boa qualidade e calibre. A produção de maçã deverá rondar as 271 mil toneladas, que corresponde a uma redução de 5%, face a 2013 (o melhor ano de produção da última década).

Quanto à pera, apesar das perdas resultantes do aparecimento de estenfiliose (manchas castanhas na casca) e dos ataques de psila (com o desenvolvimento de fumagina associada), prevê-se que a produção seja a segunda maior das últimas três décadas, alcançando as 212 mil toneladas (+5% face à campanha de 2013). Para este resultado contribuíram as boas condições climáticas durante praticamente todo o ciclo cultural. As peras apresentaram um calibre regular a bom, mas baixos teores de açúcar, em resultado da falta de calor no verão.

Produção de kiwi em queda pelo quinto ano consecutivo

A cultura do kiwi foi, uma vez mais, bastante condicionada por problemas sanitários, fisiológicos e ambientais, prevendo-se, pelo quinto ano consecutivo, uma redução na produção (-15%, face a 2013). Para mais esta má campanha concorreram as perdas causadas pelo cancro bacteriano do kiwi (principalmente nos pomares velhos) e pela podridão cinzenta, bem como a dificuldade de substituir a cianamida hidrogenada (proibida na UE) por outro regulador de crescimento eficaz na quebra da dormência dos gomos em regiões com poucas horas de frio (como são o Entre Douro e Minho e a Beira Litoral, responsáveis por 99% da produção nacional de kiwis).

Bom ano de amêndoa

O vingamento e desenvolvimento da amêndoa decorreram normalmente, estimando-se uma produção de 8 mil toneladas que, embora próxima da média das alcançadas nas últimas campanhas (exceto em 2013), espelha a situação de envelhecimento e degradação de muitos amendoais em Portugal.

A produção de castanha deverá diminuir 35%

Um verão completamente atípico nas principais zonas produtoras de castanha em Trás-os-Montes, com temperaturas amenas e precipitações muito elevadas em setembro, propiciou as condições ideais para o desenvolvimento da septoriose do castanheiro, que causou a queda das folhas e necrosou o pedúnculo do ouriço, impedindo a maturação do fruto. Os ataques deste fungo, normalmente sem grande importância, foram particularmente intensos nas zonas de maior altitude e mais frias, havendo ainda registo, em algumas zonas de produção, de castanha bichada. A produção deverá diminuir 35% face à campanha anterior, para as 16 mil toneladas, o pior registo das últimas duas décadas.

Chuvas prejudicam as vindimas

A instabilidade atmosférica que se prolongou por grande parte do período normal das vindimas dificultou os trabalhos da apanha da uva e determinou uma redução na qualidade dos mostos, com muitas uvas a chegarem às adegas num estado sanitário deficiente, com podridões ácidas e atividades fermentativas iniciadas. Este facto, aliado à ocorrência de algum desavinho e bagoinha (acidentes fisiológicos normalmente provocados por chuvas abundantes na fase da floração/alimpa) e de ataques, relativamente tardios, de míldio, oídio, podridão cinzenta e traça da uva, contribuíram para uma redução na produção, face à vindima de 2013, que se prevê da ordem dos 10%.

Ficha técnica de execução:

As Previsões Agrícolas reportam-se aos últimos dias do mês de outubro de 2014.

A recolha da informação é assegurada regionalmente pelas Direções Regionais de Agricultura e Pescas em articulação com o INE.

As Previsões Agrícolas são também divulgadas no Boletim Mensal de Estatística e no Boletim Mensal da Agricultura e Pescas (http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes)